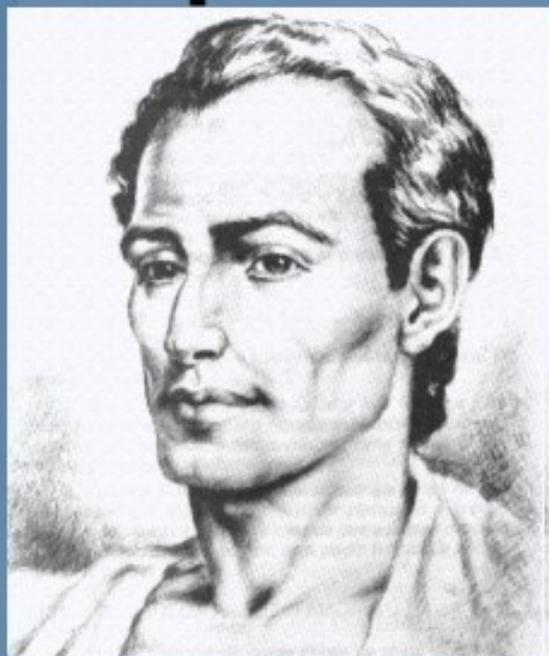


Religião dos Espíritos



Emmanuel

Psicografia - Chico Xavier

CAPÍTULO LXVIII – Materialismo

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXVIII)

Iniciamos o estudo da obra “Religião dos Espíritos” de Emmanuel – psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier – publicado em 1960 pela Federação Espírita Brasileira.

Nesta construção apresentaremos o próprio capítulo e complementos, visando enriquecer o conhecimento.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXVIII)

Índice

Assunto	Origem	Página
Capítulo LXVIII – Materialismo	O Consolador	04
Complementos		
Materialismo e atualidade	O Consolador	06
A virtude dos fortes	O Consolador	08
A fugaz transitoriedade do engodo	O Consolador	10

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXVIII)

Materialismo **Reunião pública 28 / 09 / 1959** Questão 148

Para dissipar a sombra do materialismo a espessar-se no espírito humano, é forçoso evitemos a atitude daquelas autoridades da antiga Bizâncio, que discutiam bagatelas, enquanto os inimigos lhes cercavam as portas.

Reconhecendo a impossibilidade de vincular essa anomalia às raízes da ignorância, de vez que o epicurista é, invariavelmente, alguém que se prevalece da cultura intelectual para extrair da existência o máximo de prazer com esquecimento da responsabilidade, interpretemos o materialismo como sendo enfermidade obscura, espécie de neoplasma da mente, a degenerar-lhe os mecanismos.

Da tumoração invisível surge a violência e a crueldade, a desumanidade e o orgulho por metástases perigosas, suscetíveis de criar as piores deformidades no mundo íntimo.

E tanto quanto a ciência médica ainda encontra dificuldades para definir a etiologia do câncer, surpreendemos de nossa parte, os maiores entraves para explicar a causa de semelhante calamidade, porquanto, sendo a ideia de Deus imanente em todas as leis do Universo, não é compreensível se isole, voluntariamente, a razão da sua origem divina.

Convençamo-nos, porém, de que todo desequilíbrio do espírito pede, por remédio justo, a educação do espírito.

Veiculemos, assim, o livro nobre.

Estendamos a mensagem edificante.

Acendamos a luz dos nossos princípios nas colunas da imprensa.

Utilizemos a onda radiofônica, auxiliando o povo a pensar em termos de vida eterna.

Relatemos as nossas experiências pessoais, no caminho da fé, com o desassombro de quem se coloca acima dos preconceitos.

Amparemos a infância e a juventude para que não desfaleçam à míngua de assistência espiritual.

Instruamos a mediunidade.

Aperfeiçoemos nossos próprios conhecimentos, através da leitura construtiva e meditada.

Instituamos cursos de estudo do Evangelho de Jesus e da obra de Allan Kardec, em nossas organizações, preparando o futuro.

Ofereçamos pão ao estômago faminto e alfabeto ao raciocínio embotado.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXVIII)

Plantemos no culto da caridade o culto da escola.

E, sobretudo, considerando o materialismo como chaga oculta, não nos afastemos da terapia do exemplo, porque, em todos os climas da Humanidade, se a palavra esclarece, o exemplo arrasta sempre.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXVIII)

Materialismo e atualidade

Nos mais diversos grupos religiosos temos companheiros que se confessam desolados por desenganos e se retiram da fé, asseverando-nos dispostos a viver sem Deus.

Viver sem Deus para eles significa a demissão das disciplinas e obrigações que nos frenam os impulsos inferiores e nos impõem os deveres da educação própria.

Livres tais quais somos, procedem assim acreditando que se farão mais felizes pela adoção de semelhante atitude. No entanto, não se sabe de nenhum deles que haja chegado com isso à paz íntima, alicerce fundamental da felicidade.

É que a consciência ocupa em nós muito mais espaço que todas as estruturas que nos constituem o corpo e a alma.

Na Terra de hoje, em nos reportando ao veículo físico, transplantam-se peças determinadas e até mesmo, certos órgãos podem ser extraídos sem prejuízo para a existência da criatura. Não existe, porém, qualquer cirurgia que atinja as forças da consciência. Será possível alterar ao anestesiá-las funções do cérebro que lhes serve de moradia, impedindo-se-lhes temporariamente as manifestações, mas todo o processo de sedação do campo mental, que não se filie ao critério científico para efeitos de tratamento ou de cura, resultará sempre em desequilíbrio do qual a vítima voltará à revisão de si mesma para o necessário reajustamento.

Nenhum de nós foi criado para a irresponsabilidade.

Urge observar ainda que não somos tão ingênuos a ponto de admitir que basta crer em Deus para que nos sintamos anjos, ao invés, de criaturas humanas.

Justamente por isso é que nos conhecemos nos débitos, defeitos, imperfeições, deficiências e inclinações menos felizes que ainda nos caracterizam a individualidade.

Entretanto, vale muito mais, aceitarmo-nos como somos e aceitarmos os outros como ainda são, trabalhando pelo bem de todos, sob a inspiração da confiança em Deus, do que, a pretexto de virtude ou superioridade, nos declararmos contra Deus, caindo na rebeldia ou no ódio, na violência ou na sovinice, na inveja ou na criminalidade, no alcoolismo ou na toxicomania, na sexualidade descontrolada ou nos desvarios da inteligência.

Há quem diga, e com razão, que milhões de companheiros da Humanidade se bandeiam neste século para o materialismo. Todos eles, porém, permanecem no tumulto e na insegurança, procurando a paz e a alegria que não encontram. E isso ocorre, inelutavelmente, porque toda vez que nos arvoramos contra Deus optamos pela desorientação de nossa própria vida.

Diante dos irmãos que se afastam dos templos e oficinas da fé religiosa, oremos pela tranquilidade deles, porquanto se escolhem fugir de Deus, alegando obstáculos e tribulações na estrada real para a Vida Superior, muito maiores serão as dificuldades com que se observarão defrontados no terreno desconhecido em que se marginalizam. E

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXVIII)

prossigamos atentos nas obrigações que nos cabem, claramente convencidos de que todos aqueles companheiros nossos que pretendem a fuga de Deus continuam em Deus, ante a impossibilidade de viverem sem a própria consciência. Sofrem com a ausência de mais profunda intimidade com as tarefas alusivas à inspiração de Deus, suspiram pelo retorno à fé e se atormentam com a sede de harmonia inferior, motivos pelos quais à disciplina das Leis de Deus todos eles voltarão.

Elucidações de Emmanuel, Materialismo e atualidade.

– O Consolador – Nº 506 – 05/03/2017

Emmanuel, E. D., Livro: Dialogo dos Vivos, (Chico Xavier).

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXVIII)

A virtude dos fortes

“Sem a humildade, apenas vos adornais de virtudes que não possuís,
como se trouxésseis um vestuário para ocultar as
deformidades do vosso corpo.”

(Lacordaire – O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. VII, item XI.).

O progresso moral do ser demanda como é cedo, muito tempo e muito esforço, através dos quais o homem vai amalhando novas experiências, conhecimentos e virtudes, que, por extensão, fazem nele emergir as forças interiores da alma. Contudo, à medida que o homem dá mais importância aos bens terrenos do que aos espirituais – os únicos que lhe podem assegurar a verdadeira felicidade–, apega-se ao exterior, tira Deus do centro e coloca-se no lugar d’Ele.

Há, neste sentido, uma interessante frase do Espírito Paulo de Tarso, inserida na quarta parte, cap. II, pergunta n.º 1009 de O Livro dos Espíritos: “Gravitar para a unidade divina, esse é o objetivo da Humanidade”. Gravitar, em sentido estrito, significa girar em torno. Nesta perspectiva, a bem de nosso progresso, devemos deixar Deus no centro. Para isso, porém, é necessário que sejamos humildes.

Quando o orgulho sobressai em nossas atitudes, ficamos presos às nossas próprias limitações e incapazes, portanto, de avançar para as conquistas superiores. Na sociedade terrena atual viceja, de modo geral, o culto ao materialismo, disso resultando numa completa inversão de valores. Neste diapasão, adverte Joanna de Ângelis (1) que: .

Há uma confusão muito grande entre os valores éticos que alçam os indivíduos aos patamares da grandeza moral e aqueles que degradam que vendem sensações soezes, como se a existência humana devesse estar sempre num circo, dando prosseguimento indefinido ao burlesco, ao cínico, ao despudor...

Em assim sendo, a falta de resistências morais dá azo a que permaneçamos, não raramente, adstritos a comportamentos impostos por indivíduos que se consideram heróis da atualidade. Ante isso, cumpre-nos citar novamente o pensamento da Benfeitora Espiritual acima mencionada (2).

O heroísmo não se expressa através da vilania, da deformidade, do grotesco, mas, sim, em decorrência da coragem e da envergadura **que caracterizam os espíritos fortes, humanos e dignificadores da sociedade.**

[...] Todo e qualquer investimento aplicado na transformação dos recursos espirituais para melhor e do esforço contínuo em favor da promoção da sociedade constitui ato de heroísmo. Não apenas aqueles que tornam os seus realizadores conhecidos e comentados pelo grupo social, mas especialmente quando passam ignorados, constituindo admirável empreendimento interior em benefício da harmonia. (Grifos nossos.)

Desta forma, inferimos que é ato de coragem lutar contra toda essa onda de materialismo e insensatez que grassa em nosso planeta nestes turbulentos dias. Para tal, é preciso ter coragem para fazer diferente. E ser humilde é fazer diferente, pois a humildade é panaceia

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXVIII)

contra os males originados pelas suscetibilidades do amor-próprio. Eis por que consideramos a humildade como sendo a virtude dos fortes.

Andres Gustavo Arruda – A virtude dos fortes – O Consolador – Nº 438 – 01/11/2015

(1). Jesus e Vida, (p. 176).

(2). Ob. cit., (p. 177)

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXVIII)

A fugaz transitoriedade do engodo (*)

Desconsiderar os atributos de Deus, tal é o grave erro do tradicionalismo religioso.

“Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.” - Jesus. (Jo, 8:32.)

Os tempos assinalados para o banimento da ignorância na Terra já chegaram; portanto, as doutrinas e religiões que não tiverem o duplo respaldo da razão e do coração não terão futuro...

O engodo é fugaz e transitório, embora até certo ponto tenha lá a sua utilidade como anti-ofuscante da luz intensa da verdade, até que as criaturas se coloquem em condições de assimilar esta última em toda a sua pujança e magnitude. Tal aconteceu com a fábula das “Penas Eternas” até hoje acoroçada por vetustas religiões. E podemos até mesmo arriscar, sem receio de erro que – por paradoxal que pareça – tais doutrinas e religiões andam de mãos dadas com o materialismo e o fanatismo, pois minimizam a dimensão espiritual, ou seja, reduzem ao ridículo a verdadeira e ilimitada dimensão da vida.

Assim, entendemos com Kardec (1) que tais doutrinas “(...) têm contra si não só o antagonismo em que se acham com as aspirações da universalidade dos homens e suas consequências morais, que farão sejam elas repelidas como dissolventes da sociedade, mas também a necessidade que o homem experimenta de se inteirar de tudo o que resulta do progresso. O desenvolvimento intelectual conduz o homem à pesquisa das causas. Ora, por pouco que ele reflita, não tardará a reconhecer a impotência do materialismo para tudo explicar. Como é possível que doutrinas que não satisfazem ao coração, nem à razão, nem à inteligência, que deixam problemáticas as mais vitais questões, venham a prevalecer?! O progresso das ideias matará o materialismo, como matou o fanatismo”, e poderemos ainda acrescentar que o mesmo destino terão as religiões que agridem a razão com seus dogmas ancilosados e capengas, pois, não levar em conta os atributos de Deus, tal é o grave e fatal erro do tradicionalismo religioso. O Espiritismo, pelo contrário, se rende ao Pai Celestial logo na primeira pergunta de “O Livro dos Espíritos”, realçando-Lhe os atributos logo a seguir, na questão número treze.

Analisando o tema com seu habitual tirocínio, Allan Kardec ensina (2):

“(...) A crença na eternidade das penas prevaleceu enquanto os homens não tiveram ao seu alcance a compreensão do poder moral”... Hoje em dia o homem não é mais passivo instrumento vergado à força material, nem o ente crédulo d’outrora que tudo aceitava cegamente. **A crença é um ato de entendimento que não pode ser imposta.**

Se, durante certo período da Humanidade, o dogma da eternidade das penas se manteve inofensivo e benéfico mesmo, chegou o momento de tornar-se perigoso. Imposto como verdade, absoluta, quando a razão o repele, ou o homem quer acreditar e procura uma crença mais racional, afastando-se dos que o professam, ou, então, descrê absolutamente de tudo. Atualmente verifica-se que o dogma da eternidade das penas tem feito mais ateus e materialistas do que todos os filósofos.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXVIII)

As ideias seguem um curso incessante e progressivo, e absurdo é querer governar os homens desviando-os desse curso; pretender contê-los, retroceder ou simplesmente parar enquanto ele avança, é condenar-se, é perder-se... Seguir ou deixar de seguir essa evolução é uma questão de vida ou de morte para as religiões como para os governos.

Este fatalismo é um bem ou um mal? Para os que vivem do passado, vendo-o aniquilar-se, será um mal; mas para os que vivem pelo futuro é uma lei do progresso, de Deus em suma. E contra uma lei de Deus é inútil toda revolta, impossível à luta. Para que, pois, sustentar a todo o transe uma crença que se dissolve em desuso fazendo mais danos que benefícios à religião? Ah!... Contrista dizê-lo, mas uma questão material domina aqui a questão religiosa: Esta crença tem sido grandemente explorada pela ideia de que com dinheiro se abrem as portas do Céu, livrando das do inferno. As quantias por estes meios arrecadadas, outrora e ainda hoje, são incalculáveis. É verdadeiramente fabuloso o imposto prévio pago ao temor da Eternidade. E sendo facultativo tal imposto, a renda é sempre proporcional à crença; extinta esta, improdutivo será aquele.

De bom grado cede a criança o bolo a quem lhe promete afugentar o lobisomem, mas se a criança já não acreditar em lobisomens, guardará o bolo.

Oferecendo noções mais sensatas da vida futura ao mostrar que podemos promover a felicidade pelas próprias obras (3), o Espiritismo deve encontrar tremenda oposição, tanto mais viva por estancar uma das mais rendosas fontes de receita. E assim tem sido, sempre que uma nova descoberta ou invento abala costumes inveterados e preestabelecidos. Quem vive de velhos e custosos processos jamais deixa de preconizar-lhes a superioridade e excelência e de desacreditar os novos, mais econômicos.

Aos olhos dos incrédulos, o dogma da eternidade das penas afigura-se futilidade da qual se riem; para o filósofo esse dogma tem uma gravidade social pelos abusos que acoroça ao passo que o homem verdadeiramente religioso tem a dignidade da religião interessada na destruição dos abusos que tal dogma origina, e da sua causa, enfim”.

No Velho Testamento Ezequiel já plantava a semente da compreensão do futuro e o conseqüente expurgo das penas eternas ao traduzir o Senhor: “(...) não quero a morte do ímpio, mas que o ímpio se converta, que abandone o mau caminho e que viva”. E mais tarde viria Jesus derramar à definitiva “pá de cal” nas penas eternas ao ensinar-nos a pedir perdão a Deus, na Oração Dominical. Não é, portanto, sem motivo que Kardec afirmou (4) “o ‘Pai Nosso’ é um protesto cotidiano contra a vingança de Deus”.

Por todas estas razões assinaladas e infinitas outras, como também pela sua característica de verdadeiro Consolador de que se reveste o Espiritismo, é que um dia um espírita convicto confidenciou (5) ao ínclito Codificador: “(...).

“Encontro no Espiritismo uma tão suave esperança, dele retiro tão doces e tão grandes consolações, que todo pensamento contrário me tornaria bem infeliz, e sinto que meu melhor amigo se me tornaria odioso se tentasse me arrancar dessa crença”.

Rogério Coelho, A fugaz transitoriedade do engodo.

– O Consolador – Nº 360 – 27/04/2014

(*) Engodo – cilada, que visa enganar, ludibriar outrem.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXVIII)

- (1). Kardec Allan, A Gênese, (cap. (III)
- (2). Kardec Allan, O Céu e o inferno, (cap. VI itens 22 a 24.).
- (3). Mateus, (16:27)
- (4). Kardec Allan, O Céu e o inferno, (cap. VI item 6).
- (5). Kardec Allan Revoe Spirite, setembro de 1858, (pg. 240.).